

A ARTE BRUTA, UMA HISTÓRIA DE MITOLOGIAS INDIVIDUAIS

A arte bruta, ao remeter-nos para o gesto criativo original, é um ato muito mais individual do que aquele para o qual a história da arte nos preparou. Assim, contrariamente ao que pudemos pensar durante muito tempo, esta não se distingue das outras produções artísticas pela forma, mas difere sobretudo pelo conteúdo. A sua essência é outra.

Ao passo que as obras de arte se enquadram deliberadamente num grande diálogo entre artistas e sociedade, dentro de uma perspectiva histórica e cultural, a natureza da arte bruta consiste principalmente numa busca dentro do solilóquio. É o reino do íntimo. Encantatórias, xamanísticas, "carregadas", mágicas e autorreferenciais, eis estas produções de uma outra ordem. O espetacular, contrariamente à tendência de uma certa arte contemporânea, é raro nesta arte, e geralmente não resulta senão da aplicação intensa de uma criatividade desenfreada.

A arte bruta obtém a sua força desta pretensa fragilidade : artistas socialmente ou mentalmente banidos, estranhos aos circuitos de promoção e legitimação, mas ocupados a elucidar o mundo, por vezes a curá-lo, a dar-lhe um sentido ou, em vez disso, a construir um outro, mais "habitável".

Estes indivíduos isolados, por vezes reclusos, a trabalhar dentro da alteridade, indiferentes ao estatuto da sua arte, e até ao facto de que o que fazem possa ser arte, lembram-nos, num certo sentido, esta advertência de Ernst Gombrich, logo no prefácio da sua *História da arte*: " A arte não tem existência própria, apenas os artistas existem".

Mas então, o que criam estas mulheres e estes homens de exceção, senão mitologias individuais, isto é, sistemas complexos capazes de meter o universo em ordem ? Tornam-se seja nos intercessores entre os homens e a natureza (compreendida como incluindo forças que nos ultrapassam, a ideia de um Deus ou de uma transcendência), seja nos sábios descobridores de novas ciências, seja nos comentadores esclarecidos que examinam com sagacidade os nossos afetos e as nossas sociedades, seja nos obreiros audazes de lugares e de linguagens (*locus solus* como diria Raymond Roussel).

São, em qualquer dos casos, os depositários da criatividade humana mais vital e mais universal que existe.